ESTADOS UNIDOS

Gasolina em meio ao fogo

Jovem acusado de matar antirracistas é absolvido, em Wisconsin. Biden reage com incômodo e pede calma ao país

» RODRIGO CRAVEIRO

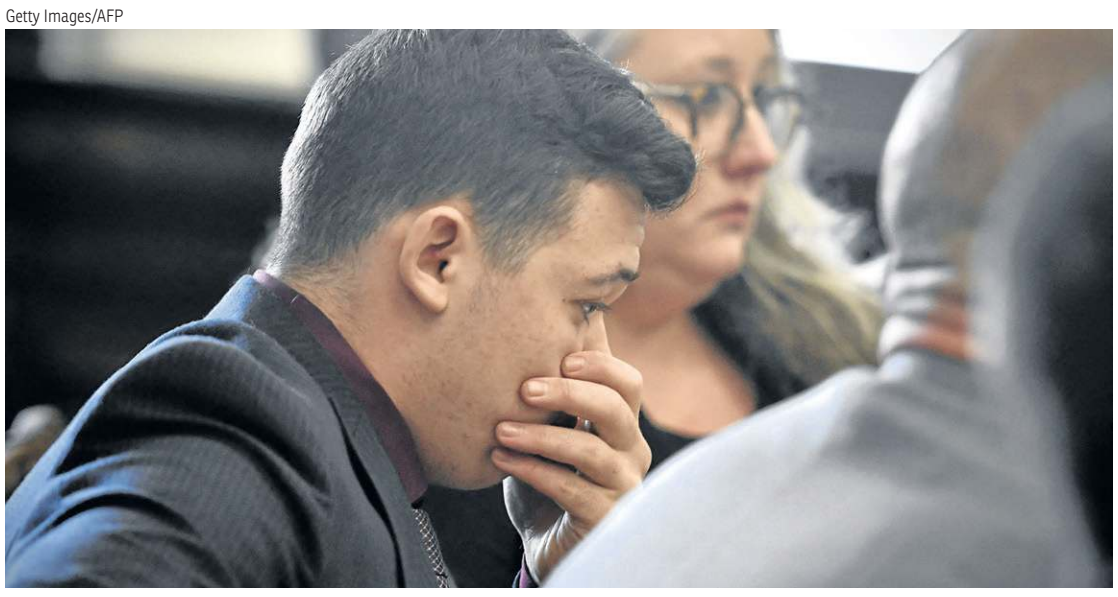
Até o presidente norte-americano, Joe Biden, demonstrou incômodo e angústia com o veredicto que foi proferido a 1.224km de Washington, na Corte Municipal de Kenosha, em Wisconsin. Assim que escutou as palavras do juiz Bruce Schroeder, ao ler a decisão tomada pelo júri depois de 25 horas de deliberação, Kyle Rittenhouse levou as mãos ao rosto, soluçou e saiu rapidamente do tribunal. O jovem branco que usou um fuzil AR-15 para matar dois antirracistas na cidade, em 25 de agosto de 2020, foi absolvido de todas as cinco acusações, entre as quais homicídio imprudente de primeiro grau, assassinato intencional de primeiro grau e uso de arma perigosa.

Biden divulgou comunicado no qual exortou a calma racial e admitiu que o veredicto "deixará muitos americanos nervosos e preocupados, inclusive eu". No entanto, disse ser preciso reconhecer que o júri — composto por cinco homens e sete mulheres — "falou".

"Fiz a promessa de unir os americanos, pois acredito que o que nos une é muito maior do que o que nos divide", afirmou, ao lembrar que as feridas do país não serão curadas do dia para a noite. "Peço a todos que expressem suas opiniões pacificamente, em acordância com o Estado de direito. A violência e a destruição de propriedades não têm lugar em nossa democracia", advertiu o chefe de Estado, depois de conversar com o governador de Wisconsin, o também democrata Tony Evers, e oferecer ajuda federal para garantir a segurança. Evers pediu a Biden que colocasse de prontidão 500 soldados da Guarda Nacional, ante o risco de protestos.

Ao ser questionado por repórteres, depois de retornar à Casa Branca do Hospital Walter Reed, onde se submeteu a uma bateria de exames de rotina, Biden reforçou: "Eu mantenho o que o júri concluiu". "O sistema do júri funciona e temos que defendê-lo".

Getty Images/AFP



Kyle Rittenhouse se emociona ao escutar o veredicto, no último dia de julgamento em Kenosha

Legítima defesa

Rittenhouse enfrentava uma sentença de prisão perpétua e alegou ter agido em legítima defesa, ao matar Joseph Rosembaum, 36 anos, e Anthony Huber, 26, e ferir Gaige Grosskreutz, hoje com 27. O duplo homicídio ocorreu dois dias depois de Jacob Blake, um homem negro de 29 anos, ter sido gravemente ferido pela polícia durante abordagem.

"Não fiz nada de errado, apenas me defendi", disse o jovem, entre soluços, ao ser inquirido durante o julgamento. Ele assegurou que atirou depois de ser perseguido e atacado pelos três homens, todos brancos. Gravações de vídeo exibidas durante o julgamento mostravam Rittenhouse disparando ao ser confrontado pelos manifestantes.

Ao expor os argumentos da acusação, o promotor Thomas Binger classificou Rittenhouse como "um turista do caos" que "buscava excitação" e, de forma voluntária e consciente, colocou-se em uma situação perigosa. Mark Richards, advogado do réu, rebateu e declarou que o julgamento foi "justo". "Ele quer continuar com a sua vida. Apesar da enorme sensação de alívio, ele gostaria que nada disso tivesse acontecido."

Do lado de fora do tribunal, manifestantes expressaram indignação com o veredicto. "Culpado, culpado, o sistema é duplamente culpado", gritaram. "É um dia triste para os Estados Unidos", disse Will Diaz, um trabalhador de 44 anos, à agência de notícias France-Presse.

"Coração partido"

Os pais de Huber divulgaram comunicado no qual disseram estar com o coração partido e zangados. "Não houve justiça, hoje, para Anthony, nem para as outras vítimas do senhor Rittenhouse, Joseph Rosenbaum e Gaige Grosskreutz. (...) O veredicto de hoje (ontem) significa que não houve punição à pessoa que assassinou o nosso filho. Ele envia a inaceitável mensagem de que civis armados podem aparecer em qualquer cidade, incitar a violência e usar o perigo que criaram para justificar atirar em pessoas na rua", desabafaram John Huber e Karem Bloom.

Kariann Stewart, noiva de Rosenbaum, desabafou: "Sinto que, neste caso, as vidas das vítimas não importam". "Se a vida de uma ou duas pessoas não importa, então nenhuma de nossas vidas importa", acrescentou, ao afirmar a repórteres que avalia o desfecho do caso como "inaceitável".

Câmara aprova plano trilionário da Casa Branca

A pouco menos de uma semana do Dia de Ação de Graças, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, tem motivos de sobra para agradecer e para orar por um novo — e definitivo — sucesso. Depois de uma aprovação apertada na Câmara dos Representantes (220 votos a favor e 213 contra), o Senado deverá apreciar, depois do recesso de feriado, o gigantesco projeto de lei de bem-estar social e ambiental proposto pelo democrata e estimado em US$ 1,8 trilhão (cerca de R$ 10 trilhões).

A tarefa da Casa Branca para aprovar o plano, apelidado de *Build Back Better* (Reconstruir Melhor), não será nada fácil: a espiral inflacionária da economia norte-americana se impõe como obstáculo entre os próprios democratas, que, mais uma vez, devem mostrar resistência ao texto, somando-se aos republicanos.

"Hoje, a Câmara aprovou meu projeto de lei Build Back Better. Agradeço à presidente (Nancy) Pelosi, à liderança da Câmara, e aos membros que trabalharam tão duro e aprovaram esse texto. Agora, ele vai para o Senado, onde espero que seja aprovado o mais rápido possível, para que eu possa sancioná-lo", escreveu Biden. O projeto prevê uma série de reformas na educação, na saúde, no meio ambiente e na atenção à infância e passou a ser considerado o centro da agenda nacional do governo democrata.

Professor de direito e de ciência política da Universidade de Yale, Bruce Ackerman disse à reportagem que a aprovação do plano pelos deputados "representa um importante ato de liderança ambiental, depois da cegueira deliberada de Donald Trump ante a realidade do aquecimento global". Ele prevê um trâmite tortuoso no Senado e aposta que a Câmara Alta do Congresso responderá com um compromisso que minará algumas das principais iniciativas aprovadas na Câmara. "A questão é se os compromissos do Senado destruirão qualquer movimento sério em relação à frente ambiental — no momento em que o aquecimento global se acelera em ritmo perigoso", avaliou.

Brendan Smialowski/AFP

A mulher mais poderosa do mundo por 85 minutos
Durante 1 hora e 25 minutos, os Estados Unidos foram governados, pela primeira vez na história, por uma mulher. A vice Kamala Harris (**foto**) assumiu as funções do Executivo no momento em que o presidente Joe Biden era submetido a uma colonoscopia de rotina. Às 11h35 de ontem (13h35 em Brasília), o democrata falou com Harris e com o chefe de gabinete e retomou o cargo. Jen Psaki, porta-voz da Casa Branca, revelou que Biden "estava de bom humor" e permanece nas instalações presidenciais do Hospital Walter Reed, em Maryland, para completar "o resto de seu checape". O presidente completa, hoje, 79 anos.

Prêmio Nobel de Economia em 2013 e um dos 17 laureados signatários de uma carta aberta a Biden, na qual elogiavam o plano, Robert Shiller — também professor de economia em Yale — confidenciou ao **Correio** que apoiaria o pacote presidencial "apenas por suas disposições sobre as mudanças climáticas". "Estamos enfrentando uma grande crise climática e é comovente ver que os Estados Unidos tomam algumas medidas contra ela", observou.

Humanidade

Para Shiller, o plano de Biden se destaca por sua humanidade e pela atenção às crianças e aos pobres. "A covid-19 impôs um fardo especial sobre os mais carentes. Após a aprovação e a promulgação do plano, pode haver um aumento das pressões inflacionárias. Biden precisará usar a discrição ao ampliar os gastos."

Por sua vez, Jason Furman — professor da Universidade de Harvard e conselheiro econômico no governo do também democrata Barack Obama — afirmou à reportagem que o plano de Biden será "um passo histórico na abordagem das mudanças climáticas e na expansão de oportunidades para as crianças". "O texto enfrenta desafios no Senado, mas espero que, no fim, seja aprovado com algumas modificações adicionais." (**RC**)

Conexão diplomática

por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Fator eleitoral vai à frente externa

A pouco menos de um ano da eleição presidencial, a viagem do ex-presidente Lula à Europa, na semana que se encerra, tem desdobramentos que vão além da dinâmica própria da disputa pelo Planalto, em outubro de 2022. Nesta, o principal desafiante do presidente Jair Bolsonaro — segundo as pesquisas atuais de intenção de voto — ganhou pontos, desfilando prestígio nos altos escalões do continente. A agenda abordada e, muito particularmente, o perfil de alguns dos interlocutores indicam que o fator eleitoral passa a exercer alguma influência nas relações exteriores.

Desde logo, o roteiro cumprido por Lula sinaliza em uma direção política determinada: as forças da centro-esquerda europeia tradicional. Por cima do espectro partidário, porém, o candidato dialogou também em esferas institucionais, como o Parlamento Europeu e uma trinca de personalidades de governo. Essa interlocução estabeleceu, na prática, uma espécie de diplomacia paralela, na qual parceiros se dirigem a um candidato para tratar dos temas que julgam centrais na agenda bilateral e multilateral.

Pré-estreia

Foi com ares de uma prévia para futuros encontros que o ex-presidente foi recebido pelo vice-chanceler da Alemanha, Olaf Scholz. Depois de levar o Partido Social Democrata (SPD) a uma apertada vitória na eleição de setembro, Scholz conduz difíceis negociações com ecologistas e liberais para formar o próximo gabinete e suceder a chanceler Angela Merkel.

Assim como nas discussões programáticas com os aliados, também com Lula o tema central foram as mudanças climáticas. A reunião se fez ainda sob o impacto da COP26, em que Bolsonaro se fez notar pela ausência. O governo de Scholz terá como missão estratégica acelerar a transição da Alemanha para a economia pós-carbono. E tende a fazer dela o foco da intervenção do país na frente externa, em especial na União Europeia.

À francesa

Teve significado particular a coreografia da chegada de Lula ao Palácio do Eliseu, em Paris, para o encontro com Emmanuel Macron. O presidente francês se apresentou à porta de entrada para receber o visitante, como dispõe o protocolo de recepção a chefes de Estado e de governo. Duas semanas atrás, na Itália, Macron esquivou-se ostensivamente de cumprimentar Bolsonaro durante a cúpula do G20.

Os dois movimentos de Macron se complementam e configuram uma recíproca evidente, embora diplomática, a duas desfeitas de Bolsonaro. Na primeira, o presidente brasileiro fez de público referências ofensivas à primeira-dama francesa, a propósito de responder a cobranças sobre o desmatamento na Amazônia. Na segunda, cancelou de última hora uma reunião com o chanceler Jean-Yves Le Drian, que visitava o Brasil, alegando problemas de agenda — para depois postar fotos em um salão de barbeiro.

Macron, que disputará a reeleição em meados do ano que vem, não pertence à centro-esquerda, ao contrário de Scholz e do primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, outro chefe de governo que recebeu Lula oficialmente. O presidente francês, porém, deverá ter como principal adversária, nas urnas, a extrema-direita ultranacionalista e antieuropeia, que nutre afinidades com o presidente brasileiro.

Imita a arte

Um incidente enquadrado na corrida que se desenha entre as principais potências militares por novas gerações de armas propiciou, na semana que se encerra, mais um dos repetidos encontros entre a vida e a arte — no caso, o cinema. Os EUA puxaram a fila das críticas à Rússia pelo teste de um míssil que destruiu em órbita um satélite próprio desativado. A operação teria lançado detritos que ameaçaram a Estação Espacial Internacional (ISS, em inglês) e obrigaram a tripulação — inclusive dois cosmonautas russos — a se abrigar em cápsulas de escape, procedimento de segurança para eventual abandono da estação.

A ISS é, fundamentalmente, uma parceria russo-americana, com participação de outros países. Ela concretiza um modelo imaginado pela cineasta Stanley Kubrick no clássico *2001, uma odisseia no espaço*, lançado em 1968 — quando os EUA e a hoje extinta União Soviética tinham na corrida espacial uma das frentes da Guerra Fria. Em *2010, o ano em que faremos contato*, uma sequência do filme de Kubrick, o consórcio russo-americano tem como rival uma estação orbital chinesa — como a que existe hoje, e que teria sido também colocada em risco pelos fragmentos do satélite destruído pela Rússia.

A situação de perigo criada para os tripulantes da ISS pela presença crescente de detritos espaciais na órbita da Terra também já frequentou a tela, em *Gravidade*, filme de 2013 estrelado por Sandra Bullock.